Ano 31.º — Sábado, 21 de Maio de 1938 — N.º 1526

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro
Toda a correspondência deve ser dirigida ao director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agência Havas

O Império Colonial Português

Como nos anos anteriores, desde a vigência do Estado Novo, realisou-se, há pouco, a *Semana das Colónias*, de que a patriotica Sociedade de Geografia tomou a iniciativa e a que o Govêrno de Salazar dá todo o seu apoio.

Este acontecimento não é hoje um facto indiferente e banal. Mercê dos multiplos métodos de propaganda efectuados pelo Estado e por instituições particulares creou-se já a consciência do Império Português que é o aglomerado das províncias continentais, insulares e ultramarinas, sujeita às mesmas leis gerais, beneficiando de modo igual do esforço de regeneração nacional a que Salazar meteu ombros.

Política altamente patriótica e absolutamente necessária àquela que iniciou Salazar com o Acto Colonial e que se tem prosseguido infatigàvelmente desde que assumiu a suprema direcção dos negócios publicos.

Pelo rumo que as coisas levavam as colónias estavam a poucos passos da desnacionalização.

Há que fazer justiça a quem a merece. Nos últimos anos do século passado o regime monárquico fez um esforço colossal para segurar o que lhe restava do seu vasto império colonial. E surgiu essa pleiade de coloniais ilustres—António Enes, Mousinho de Albuquerque, Freire de Andrade, Eduardo Costa, para citar só os principais.

A republica democratica, tão culpada de êrros de administração, foi zeloza pela conservação e engrandecimento do nosso império colonial. Ela creou o regime dos Altos Comissários na mais louvável das intenções, ela completou a ocupação dos ultimos territórios onde a nossa soberania, de facto, era dúvidosa. Quem terá esquecido a laboriosa e heroica campanha de Cuanhama em que se destacou a gloriosa figura de Pereira d'Eça?

Simplesmente, é pena que a êstes esforços não presidisse uma orientação superior; é de lamentar que o regime não encontrasse os homens necessários, duma indiscutivel competência para levar a cabo a tarefa ingente que dêles se exigia. De resto, os êrros administrativos da metrópole tinham de reflectir-se inevitavelmente na administração colonial.

A metrópole, sob o regime democrático, se pecou, não foi por avareza para com as colónias. Só Angola, em subsídios e emprestimos, absorveu em dois anos 550.000 contos dos quais apenas pouco mais de 10.000 foram gastos em obras de fomento. A parte de leão levou-a a fantasia de experiências infantis de colonisação, o alargamento prodigioso dos quadros do funcionalismo da colónia.

E a-pesar-de tudo as colónias não deixaram de lutar com dificuldades, não deixaram de apresentar os seus orçamentos desiquilibrados.

Hoje não sucede assim. Em todas as partes do Império o mesmo equilíbrio, a mesma ordenação. E, todavia, sem aquêles sacrifícios exagerados de que falámos há pouco, as colónias progridem e vêem realisadas algumas das suas mais queridas aspirações.

O porto do Lobito, a ponte sobre o Zambeze, o caminho de ferro de Téte, a irrigação do vale do Limpopo são já realidades ou estão a caminho de sê-lo.

Sim; o Império Português não é uma fantasia.

P. G.

HOMENAGEM PÓSTUMA

Praça Dr. Joaquim de Melo Freitas

Uma solenidade cheia de côr e brilho que muito honra a Câmara Municipal

Com a assistência dos srs. Governador Civil do distrito, secretário geral, comandantes militares, capitão do porto, presidente da Junta Autónoma, director e secretário de Finanças, vice-reitor do Liceu, director das Estradas, director do Museu, dr. Jaime de Melo Freitas—a Câmara Municipal, representada por todos os seus membros e com a rica bandeira a servir-lhe de escudo, fez inaugurar na segunda-feira, como noticiámos, a placa dando o nome do ilustre aveirense Dr. Joaquim de Melo Freitas à antiga Praça do Comércio, revestindo-se a cerimónia duma solenidade invulgar, mas merecida, por ser uma homenagem prestada à memória de quem muito dignificou a cidade, arvorado, durante algumas dezenas de anos, em seu arauto.

O largo apresentou-se logo de manhã engalanado, com as janelas dos prédios embandeiradas e ricas colgaduras pendentes. Era dum efeito surpreendente.

As 12 horas iniciou a banda regimental um concerto e ás 13, com a presença de mais duas bandas de música, das duas corporações de bombeiros em grande uniforme, Academia do liceu, Escola Industrial Fernando Caldeira, associações e clubs locais, àlém de uma multidão que enchia o recinto, tudo aguardava o momento solene. Então o sr.

Dr. Lourenço Peixinho

presidente do município, adiantando-se no estrado construído em frente à papelaria Reis, proferiu as seguintes palavras:

«A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Aveiro, em sua sessão de 18 de Março de 1937, deliberou dar à Praça do Comércio, desta cidade, o nome do Dr. Joaquim de Melo Freitas, para perpetuar a sua memória. Considerando que o homenageado foi um ilustre aveirense, grande amigo da sua terra, o que esta não póde esquecer, resolveu a Câmara Municipal, na sessão de 5 de Maio corrente, escolher o dia de hoje, feriado do concelho, para o descerramento da respectiva placa, como preito de homenagem a tão digno cidadão. E resolveu escolher para êsse efeito esta praça, por comemorar com o seu obelisco, uma data histórica e o nome do homenageado ficar bem aqui, por ter sido um rasgado espírito liberal, descendente de uma família de liberais. Assim, fica, pois, gravado em letras de ouro, a gratidão, o respeito e a consideração que tem esta cidade pelo nome do Dr. Joaquim de Melo Freitas».

Uma revoada de palmas, secundadas pelas pessoas que também povoam as sacadas, manifestam a aprovação de quem as bate, seguindo-se logo uma formidável oração do

Dr. Alberto Souto

que diz textualmente:

A 6 de Dezembro de 1923, em plena tarde de um domingo serenissimo, mal o sol, que fôra de oiro nêsse dia, começara a desmáiar, saíu dos nossos Paços do Concelho o funeral de *Alguem*.

Alguem de vulto e renome fôra derrubado pela morte e o povo desta cidade sentia que lhe morrera *Alguem*, —*Alguem* que lhe pertencera de corpo e alma,—porque todo êle se vestiu de luto e acorreu ao enterro.

A família do morto excedia aquela família que natural e legalmente se forma pelos laços da consângnidade ou da afinidade. O pezar ia muito para além da roda das amizades ou

DR. JOAQUIM DE MELO FREITAS

do parentesco. O sentimento, que era publico e geral, atingira o coração de todos os aveirenses; a família dorida era—a cidade inteira!

Lentamente o feretro desceu. Desceu aos hombros dos Bombeiros Voluntários; parou em frente à estátua de José Estêvão, patrono cívico desta terra, de cujo culto o morto ilustre fôra verdadeiro crente. Rodearam-o os estandartes de todos os nossos clubs, de todas as nossas colectividades; cobria-o a bandeira do Município; seguiam-o os amigos mais intimos e acompanhava-o, comovidamente, o Povo, o seu Povo em multidão, a sua terra em pezo, todo o seu Aveiro que muito lhe queria e que êle muito servira e amara.

Espetáculo inolvidável! O prestito era simples e magestoso; ia recolhido, sentido, funebre, mas apoteótico; havia luto nos rostos, dôr nas almas, frio nos corações—mas parecia um triunfo! Era o triunfo de uma alma imortalisada pelo Bem!

Foi assim o funeral do dr. Joaquim de Melo Freitas, português de lei e aveirense dos mais distintos dos fins do século XIX e princípios do século XX, a cuja memória a Camara Municipal, por acertada decisão esperada há muito, presta hoje uma homenagem a todos os títulos justa, e enternecedora para quantos, como eu, foram amigos e admiradores do dr. Joaquim de Melo e discípulos do seu patriotismo, do seu civismo e do seu ardente aveirismo, e grato para quantos o conheceram em meio século de labor mental, de espírito cintilante, de paixão pela sua terra, de elevada fé nos destinos da Raça, da Pátria, da Humanidade.

Alma privilegiada e eleita que êle foi!

Amou e enalteceu tudo quanto era justo e quanto era belo, mas mais que tudo êle amou Aveiro, Aveiro terra e Aveiro povo, o Aveiro natureza e o Aveiro grei, de que êle foi, durante algumas dezenas de anos, um arauto, um cantor e um paladino.

Nas ideas e nos sentimentos era um nefelibata e um romantico—sincero, franco, generoso; liberal como os de 1820, 1828 e 1836; democrata como os de 90; republicano desinteressado, cavalheiresco e modesto, como os precursores de 1910; e sempre esfusiante de graça, condoído de todas as dores, indignado contra todas as injustiças, admirável como um grego quando contemplava a Beleza do Universo ou a beleza dos grandes rasgos do Génio Humano.

Foi exemplar em muitas das virtudes que possuía porque era de uma honradez severa, de uma bondade rara, de um pundonor medieval e, ao mesmo tempo, era dotado de uma educação primorosa, de uma distinção elegante, de uma jovialidade comunicativa, de uma tolerância e de uma lealdade nobilíssimas.

Foi entre nós o perfeito representante de uma geração de intelectuais que pelo sentido humano do seu pensar marcou na vida portuguêsa ao encerrar-se o ciclo político e filosofico das instituiçeõs monárquicas e ao abrir-se o ciclo das instituições republicanas, e nêsses debates do espírito das duas épocas,—transe bem crítico para o pensamento português pelo estertor agonico de uma ideologia moribunda e pelos passos infirmes de outra ideologia nascente—êle vincou a sua posição porque entrou na liça e, sem atraiçoar o cargo oficial que exercia, soube manter a independencia do seu caracter e a dignidade do seu porte, combatendo sem ferir e evangelisando sem perverter.

Conversador de raça, tinha proselitos entusiasticos nas tertúlias de *debaixo dos Arcos*; publicista, orador, crítico, o seu talento exerceu-se em mil producções, nos artigos dos jornais, nos livros que publicou, nos discursos que proferiu, versando os mais diversos e difíceis assuntos muitas vezes com brilho singular e quási que inexcedível.

Contava nos meios cultos, políticos e artísticos as melhores relações pessoaie, mas preferiu ás altas situações que lhe pertenceriam de direito no país, um modesto lugar ao sol da sua terra, preso do encantamento da sereia que habita na nossa Ria e cujos gorgeios de mistério nos cativam e inebriam e seduzem o coração...

A sua obra e a sua vida foram essencialmente aveirenses e muitas vezes esta cidade, mercê do seu bairrismo, do seu trato, da sua ilustração e do seu aprumo moral, apareceu aos olhos dos estranhos maior do que era e superior ao que valia. Era-lhe devido um preito de homenagem e por isso bem faz Aveiro em consagrar nêste largo histórico e nêste dia notável na história local, o seu nome saudoso, venerando e exemplar.

* * *

Antes de eu ser gente, já êle era

Para obviar qualquer lapso

Um dever de gratidão, mas de gratidão sincéra, obriga-me a, depois de ter diligenciado agradecer directamente e por escrito, a todas as pessoas de Aveiro e de fóra, a maneira como procuraram suavisar-me os dias de cativeiro em Vagos, lançar também mão dêste meio para, no caso de haver cometido alguma falta involuntária, assim a reparar e, com a consciência tranquila, seguir a róta marcada pelo Destino. Propositadamente não especialiso ninguem por terem sido muitas e variadas as gentilêsas que, à porfia, vieram ao meu encontro, confundindo-me grandemente.

Aos colegas, Correio do Vouga, O Ilhavense, A Opinião, Soberania do Povo, Correio da Feira, Concelho da Murtosa, O Figueirense, Defesa de Arouca, Povo de Pardilhó, O Regional, Defesa de Espinho, A Aurora do Lima, Notícias de Viana, O Desforço, O Povo de Ovar e Notícias de E'vora, que tanta nobresa também mostraram nas suas referências; aos correspondentes dos jornais **O Século, Diário da Manhã, A Voz** e **Jornal de Notícias** e, por último, aos habitantes de Vagos, pela sua afectuosa despedida, e ainda ás pessoas que se dignaram assistir ao almoço no Arcada-Hotel após a minha chegada a esta cidade, muito e muito obrigado.

Aveiro, 19 de Maio de 1938.

ARNALDO RIBEIRO

Films...

TEM-AS bôas, às vezes, o *padre veneno*. Agora diz que conhece patifes que andam nas tubas da fama como pessoas de bem, e pessoas de bem que são tidas como patifes.

Êle lá sabe por quem distribue os seus afectos e... os seus abraços...

Ao pé de nós é que o sujeito se não chega.

Livra...

— —

NO Brasil rebentou outra borbulha revolucionária à qual os partidários de Getúlio Vargas fizeram frente, reduzindo-a, em poucas horas, à expressão mais simples.

Mas o que pretendia essa gente? Governar? Não; mas governar-se, talvez...

Como antigamente sucedia entre nós.

— —

AINDA não é àmanhã que o *mestre* será conduzido de andor para os altos destinos da governação pública, consoante os seus antigos vaticínios. E dizemos assim porque não há cortejo.

Fica para o carnaval...

O TEMPO

—o—

Ainda se não desanuviou por completo, havendo dias, esta semana, em que a temperatura fria chegou a pedir, de novo, os agasalhos.

E que volta?

Êste número foi visado pela Censura

Na Associação do Monte-pio

O 74.º aniversário da sua fundação

Na segunda-feira à noite teve logar a anunciada conferência comemorativa do 74.º aniversário da prestimosa Associação Aveirense de Socorros Mútuos das Classes Laboriosas, pelo advogado da comarca, sr. dr. Luís Regala, tendo presidido o sr. dr. Armando da Cunha Azevedo, que se fez secretariar por tres dos sócios mais antigos, srs. António Marques de Almeida, Abílio Gomes Carapina e Leovogildo de Melo.

O vasto salão encheu-se quási por completo, tendo apresentado o conferente o nosso amigo Carlos Aleluia que, como presidente da Assembleia Gerál do Monte-pio, como é mais conhecida a Associação, bordou algumas considerações sôbre a sua longa existência e as crises por que tem passado, chamando para o facto a atenção de todos os presentes no sentido de promoverem a entrada de novos sócios.

Devido à falta de espaço com que lutamos esta semana, no próximo número daremos um extracto do primoroso trabalho do sr. dr. Luis Regala, a quem a assistência aplaudiu demoradamente, retirando satisfeita.

Acidente de viação

=o=

Os srs. dr. Abílio Barreto, director da Agência do Banco de Portugal, tenente-coronel médico dr. Rodrigues da Cruz, Alfredo Osório, farmaceutico, e dr. Pereira Barata, de regresso dum passeio a esta cidade no automóvel do primeiro, que vinha ao volante, foram vítimas dum desastre por alturas de Cacia, recolhendo todos a suas casas mais ou menos feridos.

O sinistro deu-se na segunda-feira e foi originado, dizem, por imprevidência do condutor do carro.

IMPRENSA

«LABOR»

O número correspondente ao mês que decorre, o 91, foi distribuido a semana passada, mantendo, dest' arte, a sua habitual regularidade.

«JORNAL DE ALBERGARIA»

Entrou no 18.º ano da sua existência este semanário regionalista do concelho donde tira o nome.

Felicitamo-lo.

«OCIDENTE»

Em nosso poder o primeiro número desta revista que em Lisboa começou a saír mensalmente sob a direcção de Manuel Múrias. Traz escolhida colaboração e apreciáveis ilustrações que muito a valorisam, pelo que é digna duma vida prolongada e próspera.

Ao comércio

A firma *Clemente, Vieira & Laus, Ld.ª*, com séde em Aveiro, participa aos seus estimados clientes e ao comércio em geral que, por escritura de cessão de cóta lavrada nas notas do notário Dr. Fernandes Rangel, desta cidade, deixou de fazer parte da mesma firma o sr. Manuel Clemente da Costa, tendo o reembolso total da sua cóta, bem como dos respectivos lucros, sido feito durante a sua permanencia na Sociedade.

ilustre e renomado, já êle tinha ganho as suas esporas de oiro de cavaleiro andante dos grandes ideais humanitários e dos altos pensamentos da sua terra.

Mas eu vi-o colher louros—e louros imarcessíveis—em muitas campanhas gloriosas e em lances inexquecíveis nos anais aveirenses.

Vi-o brilhar no advento e na comemoração do Centenário de José Estêvão em 1909, na projecção local dos primeiros tempos da Rèpública, na defêsa da manutenção dos distritos administrativos quando em 1910, lamentàvelmente, falou pela primeira vez em criar províncias por obediência ao programa do velho partido republicano; na iniciativa da criação do Museu Regional de Aveiro e na valorização do nosso património artístico; na defêsa da nossa política ao lado dos Aliados durante a Grande Guerra, nos trabalhos preparativos para a criação da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro, na defêsa contra a ameaça militar da monarquia do Porto em 1919 e em inúmeras comemorações de bairrismo, de civismo, de patriotismo, de instrução, de educação, de arte ou de moralidade.

Lêmos-lhe artigos brilhantes, saboreámos-lhe descrições magistrais, escutámos-lhe discursos primorosos!

Um instante me detenho a focar, a título de exemplo do seu merecimento literário, a sua modalidade de orador.

Quem por fôrça da sua profissão ou pelo império das circunstâncias se vê por vezes obrigado a falar em público e tem a consciência das responsabilidades, não ignora quanto é dificultosa a arte da palavra. Por mim creio impossível haver algum orador que não trema diante do auditório.

Momentos há em que falham as ideas, faltam os termos, recusa-se a memória, fenece o ânimo, nega-se a palavra.

Há momentos hostis, temas inexplicàvelmente adversos, horas entenebrecedoras, momentos calamitosos para o orador.

Pericles evocava sempre os deuses no início dos seus discursos; Demóstenes lutou consigo mesmo para se corrigir; Cícero fraquejou perante os juizes no *Pro Milone*. Os que decoram, têm lapsos; os que improvisam, quedas bruscas, e os grandes, mesmo os grandes oradores, têm as suas horas sem inspiração, de luta com os trechos banais e as passagens desconcertantes.

Pois Joaquim de Melo Freitas foi um dos oradores de mais extraordinários recursos que eu tenho conhecido.

Posso dizer que na especialidade de documentar, comprovar ou enriquecer a oração com citações, exemplos rigorosamente históricos ou meramente anedóticos, nunca conheci quem o superasse.

Cultivou um género em que foi distinto e dextro como ninguém do seu tempo e o seu tempo foi o dos grandes tribunos.

Convidado e instado como era sempre para falar em tôdas as festas ou comemorações que nesta cidade se realizavam, êle vencia os embaraços provenientes da vulgaridade de assunto, da surpreza do momento ou da fragilidade do tema, com a prodigiosa adaptação de imagens ou citações históricas, literárias ou pitorescas que uma memória privilegiada e uma grande cultura de pronto e a propósito lhe forneciam.

Tornaram-se clássicas as passagens dos seus discursos a que o povo chamava as *suas histórias*, mas essas histórias representavam um tesouro de recursos invulgares.

Com essas *histórias*, sempre interessantes, morais e educativas, êle compôs centenas de orações valiosas que só é pena se não terem estenografado.

E, no meio das *suas histórias*, tinha rasgos tribunícios de verdadeira eloqüência e de subido quilate na idea e na forma, no pensamento, na imagem e na linguagem.

Improvisador espantoso, cheio de sentimento, rico de evocações e pródigo de méritos, nunca êle deixou passar um momento de tristeza ou de alegria, uma hora de tristeza ou alegria do seu povo, um instante de desgraça ou de triunfo da Pátria ou da Humanidade, sem que a harpa da sua voz soltasse perante o público aveirense os seus acordes, interpretando o sentir comum e fazendo vibrar em tôdas as gamas as cordas da nossa alma!

O seu verbo era a vocalização do amor da sua terra; a sua palavra era o culto de Aveiro feito eloqüência!

* * *

Cada planta tem o seu parasita e cada coisa criada o seu apaixonado e o seu poeta—disse Emerson.

Êle foi o cantor e o apaixonado desta Aveiro que de bem o compreender e apreciar, não esqueceu o seu nome nem engeitou a sua memória.

O amor, para Schopenhaner, é a compensação da morte.

Compensando o sua morte, o povo aveirense prova com a estela que hoje inauguramos, um amor verdadeiro à sua grande imagem moral.

Bem haja, por Aveiro, a nossa Câmara, porque a gratidão é um dever de que ninguém pode ser dispensado!

Bem haja o povo aveirense, porque a gratidão é uma das vistudes que mais dignificam um povo!

Bem hajam, porque o seu exemplo de amor à terra e eterna devoção por ela, bem merece ser posto diante dos olhos das nossas gerações!

E que o seu espírito que foi generoso e bom, altaneiro e gentil, junto com os espíritos dos grandes aveirenses nossos maiores que moram no Além, vele por nós e nos ilumine e oriente, dando-nos fé para melhorarmos e engrandecermos continuamente a nossa terra; dando-nos bondade para abrandarmos cada vez mais os nossos ódios e aplanarmos de dia para dia as nossas discórdias; dando-nos solidariedade para sentirmos em comum as nossas provações e minorarmos as nossas desgraças; dando-nos tenacidade e coragem para perseverarmos no bem, na paz e no trabalho e por tais virtudes aumentarmos a glória ao nosso berço!

* * *

Quando o grande filósofo Kant morreu, o ceu de Koenisberg era claríssimo e tão puro como raras vezes se vê na Alemanha, conta Schopenhaner.

Sòmente no zenith uma pequena neblina, ténue e ligeira, se levantou, mareando o azul.

Um soldado que passava na ponte sôbre o Pregel quedou-se e observou durante muito tempo essa nuvensinha de uma transparência de gaze e, como vidente genial, exclamou:

—Olhem a alma de Kant que vôa para o céu!

Se as almas dos nossos maiores que moram no Além se fazem núvens,—oh! núvens do Céu!—considerai a nossa saüdade e reparai e vêde neste acto, apenas,—*a gratidão de um Povo!*

Uma prolongada salva de palmas corôa as últimas palavras do orador, falando, por último, o filho do homenageado, sr.

Dr. Jaime de Melo Freitas

Começando, diz que Manuel Maria Moreira, aqui comerciante, muito conhecido e estimado pelo seu talento cómico para o teatro, quando preparava uma manifestação de aprêço pelo sr. dr. Jaime de Magalhãis Lima, nos últimos tempos da vida dêste, manifestou o propósito de organizar também uma significativa homenagem à memória de seu Pai. Infelizmente a morte cêdo o ceifou, fazendo com que levasse para a sepultura êsse projecto, e por isso quere demonstrar-lhe, com as primeiras palavras proferidas a seu respeito, saüdade e gratidão.

A seguir aludiu à proposta de outro amigo, José de Pinho, em virtude da qual, em janeiro de 1937, a Assembleia Geral do Club dos Galitos, pora clamação, aprovou que se pedisse à Câmara Municipal que a uma das principais praças ou ruas da cidade fôsse dado o nome do Dr. Joaquim de Melo.

Esta solicitação foi ao encontro do propósito em que a Câmara já se encontrava, sendo, afinal, escolhida a antiga Praça do Comércio, que é um dos melhores sítios da cidade, e fazendo-se o descerramento da lápide em dia solene de feriado local.

Pelas festas do 1.º Centenário de José Estêvão, na mesma Praça se inaugurou, a 26 de Dezembro de 1909, o obelisco que nela se ergue, à memória dos aveirenses que sofreram pela liberdade. O Club dos Galitos o fez erigir e o Dr. Joaquim de Melo descerrou a inscripção do monumento, proferindo algumas palavras a propósito e expondo as suas ideias.

Nêste local, de onde há precisamente 110 anos partiu o grito da revolta liberal de 1828, não destôa o nome do Dr. Joaquim de Melo.

O local e o dia da cerimónia harmonizam-se inteiramente com a estrutura e com as ideias do homenageado, que se definiu, êle próprio, *um homem do seu século*, nada tendo para o caso o conceito que presentemente se possa formar do liberalismo.

Passou depois a citar o que algumas pessoas, que escrevem e falam, disseram de seu Pai, para demonstrar que êste *amou apaixonadamente a sua terra, não querendo viver em outra parte nem gosar outra existência, não havendo para êle melhores paisagens, céu mais belo, mulheres mais lindas que as de Aveiro, associando-se com entusiasmo a todas as manifestações da vida local, aparecendo em tôda a parte, em toda a parte pugnando pelos interêsses da cidade, em toda a parte exaltando os homens e as coisas da terra que lhe foi bêrço, sendo, enfim, um «bairrista» entusiasta, sincero e impenitente.*

Aveirense até à medula—disse um dia o dr. Alberto Souto—*teria subido alto se quisesse, mas apagou-se na humildade do nosso viver, fazendo uma vida e uma obra essencialmente aveirenses; foi um rouxinol que durante 50 anos gorgeou nos muros da nossa terra; discipulo fiel do imortal espirito de José Estêvão que com mais emoção e maior paixão soube encarnar todo o anseio da alma simples, popular, democrática, liberal e afectiva da nossa querida terra.*

Por seu turno, o sr. dr. Jaime Lima falava assim:—*outra terra não quiz nem outra o cativou, e sem que outra apetecesse e procurasse, sem que vaidades do mundo o prendessem e pudessem desviá-lo da jornada que o coração lhe traçou, não maldisse da sorte porque tão pouco dera a quem tanto tinha o direito de exigir, mas Aveiro lhe deu por inalterável e solícito afecto o que por afecto êle perdêra em grandezas, cêdo e espontaneamente abdicando de as conquistar.*

Seu Pai não dispôs de influência ou de fortuna para, por êsses meios, servir a sua terra natal como e até onde êle quereria, mas, na feliz expressão do sr. Dr. Jaime Lima, Aveiro paga-lhe em afecto o que por afecto êle perdeu em grandezas e ilumina-o com o resplendor de simpatia que é a coroação condigna da sua fidelidade ao lindo torrão que o criou.

Se seu Pai sempre teve Aveiro no coração, agora vemos o seu nome escrito em letras de ouro no coração de Aveiro! Parece estar assim bem.

Finalmente agradece, por seu falecido Pai e como filho único, a homenagem em realisação, estendendo o agradecimento à Câmara Municipal e a todos quantos de algum modo promoveram, organizaram ou se associaram à mesma homenagem. E dirigindo-se a seus filhos, voltado para a lápide que ia ser descerrada pelo mais novo dêles, afirmou lhes: «O nome do vosso avô, que ali fica inscrito em letras de ouro, não vos dá direitos; apenas vos impõe obrigações. E' só isto que tenho a dizer-vos!»

Então, pelo sr. Presidente da Câmara é convidado o académico Mario Júlio de Melo Freitas a descerrar a placa, o que êle faz por entre as aclamações de tôda a gente e ao som do hino da cidade executado pela Banda de José Estêvão.

Terminou assim o pagamento da dívida que Aveiro tinha em aberto para com um dos seus mais dilectos filhos.

Honra lhe seja.

* * *

Viana do Castelo, 15 de Maio de 1938.

Excelentíssimo Senhor Presidente da Direcção do Club dos Galitos
Aveiro

Excelentíssimo Senhor:

Antes de mais, tenho a honra de apresentar a V. Ex.ª os mais sinceros cumprimentos.

Realizando-se àmanhã, nessa linda cidade que tanto estremecemos, cerimónias de merecida e gloriosa homenagem ao inclito e saüdoso aveirense, Dr. Joaquim de Melo Freitas, que foi um dos mais esforçados pioneiros da união Aveiro-Viana, pai do Ex.mo Snr. Dr. Jaime Dagoberto de Melo Freitas, aveirense também ilustre ante o qual nos curvamos com respeito por nele sentirmos o continuador de uma obra admirável, e desejando o Sport Club Vianense *ver o seu nome e o espírito de todos os seus associados profundamente ligados a essa homenagem de justiça, tomamos a liberdade de solicitar de V. Ex.ª a fineza de representar a nossa colectividade em todos os actos a celebrar por êsse motivo.*

Antecipando os nossos efusivos agradecimentos, sou com a maior estima e consideração

Pel' O Presidente do S. C. V.

a) Manuel da Costa Fanfarra
1.º Secretário

* * *

A placa foi executada na oficina do canteiro António de Freitas, artista aveirense que, com seus filhos, se tem evidenciado em muitos trabalhos de valor, criando-lhe justa fama. Merece, por isso, esta referência da nossa parte.

Pelo Liceu

Em substituição do eng.º José Pereira Zagalo, que vai ausentar-se para Lisboa, foi autorisado o contrato com o sr. Arnaldo de Pádua e Silva, licenciado em Ciencias Económicas, para reger a disciplina de Desenho e Trabalhos Manuais.

Entrou na terça-feira em exercício.

* * *

Realisam-se hoje as seguintes excursões: do 1.º ano, à Curia, com os professores Carlos Limas e Albano da Conceição; do 2.º a Agueda, com os prof. Artur Miranda e Carneiro e Silva, e do 3.º ao Bussaco, com os prof. D. Fernanda Salgado e Alexandre Barbas.

Serviço de cobrança

=o=

Queixam-se-nos alguns assinantes e entre êles o sr. António da Fonsêca, desta cidade, da rapidez com que são devolvidos à procedência os recibos do *Democrata*, a-pezar-da recomendação aos distribuïdores para os apresentarem no último dia do praso. De lamentar é que assim aconteça, pois de há muito vinhamos constatando, com satisfação, a maior regularidade nêsse serviço, não havendo faltas. Poder-se-há conseguir harmonisar tudo de modo a evitar-se qualquer queixa?

Assim o esperamos.

Efemérides

21 de Maio

1814—Extinção da inquisição em Gôa.

1908—Um grupo de grèvistas faz voar com dinamite, em New-York, uma ponte de aço que havia custado 40.000 dolares.

1911—Morre Alfredo, Pinto, fundador do *Pimpão*, semanário humorístico que fez época.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a menina Irene Trindade Ferreira, filha do sr. António Ferreira, comerciante local; àmanhã, a sr.ª D. Leontina Pina, esposa do sr. Elias Gamelas de Oliveira Pinto, amanuense do Govêrno Civil; a gentil tricaninha Maria Augusta Amaral e o nosso amigo João Rodrigues Testa, da acreditada firma Testa & Amadores; *no dia 23, o sr. António Constantino de Brito, farmaceutico em Vadalares, e o filho Zacarias, do sr. Francisco dos Santos Silva, residente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil) e em 24, a galante Maria Helena, e o inocente Fernando Basilio, filhos, respectivamente, dos srs. dr. António Simões de Pinho, advogado na comarca, e alferes Alberto Exposto, residente em Algés.*

Partidas e Chegadas

A passar alguns dias encontra-se nesta cidade o sr. Mário Ferreira da Costa, capitão tenente da Armada, pertencente à tripulação do Aviso Rèpública.

— Também aqui vimos os srs. Acúrcio Maia de Albuquerque, professor em Oiã; João Baptista Marques, 1.º sargento de Infantaria 19 e aluno da E. C. S. de Agueda; padre Diamantino Vieira de Carvalho, de Mira e Manuel da Silva, residente na capital.

—Com sua esposa e interessantes filhas, passou ante-ontem nesta cidade em direcção ao Minho, tendo-nos dado o grato prazer do seu abraço, o nosso amigo e condiscípulo, capitão Manuel José Fonseca Faria, da Figueira da Foz.

—Com curta demora esteve igualmente entre nós o sr. dr. Rafael Amorim de Lemos, que foi a Lisboa aos concursos para entrar na magistratura.

— Regressou de Lisboa a esta cidade o nosso velho amigo Mario Duarte.

Doentes

Não passa bem de saude o filho António, do sr. Eduardo Coelho da Silva, a quem desejamos completo restabelecimento.

Açoreanos em Aveiro

"O Democrata,, no meio da caravana

Como o *Democrata* prèviamente noticiou, chegaram no dia 13 a esta cidade uns trinta excursionistas dos nossas ilhas, que se inscreveram para o passeio ao continente todos os anos promovido pelo nosso colega *Açoreano Oriental*, da direcção do sr. Ferreira de Almeida.

Viajando num excelente auto-carro, os nossos hóspedes, que aqui passaram a noite de sexta-feira para sábado, instalaram-se no *Arcada Hotel* e visitaram, àlém dos principais pontos da terra, a Vista Alegre, a Barra e a Costa Nova, de que muito gostaram, retirando encantados não só com as belêsas naturais da região, que as oferece variadas como nenhuma outra, mas também por acharem digna do maior apreço a cidade, embora a não tivessem percorrido toda.

A convite do colega Ferreira de Almeida almoçámos com os excursionistas e por êsse facto lhes ouvimos as impressões de agrado que registamos. A' mesma mêsa sentavam-se ainda os srs. Augusto Martins Pereira, da fábrica de fundição *Alba*, de Albergaria-a-Velha, que muitos anos viveu nos Açôres, e o sr. António Guimarães, da Sociedade *Scalabis*, que ofereceu os vinhos. A ementa, primorosamente servida na vasta e elegante sala do *Arcada*, exuberante de luz e de conforto para maior realce dos azulejos da Fábrica Aleluia, que a ornamentam, incluiu pratos regionais, muito apreciados pelos hóspedes e por êles sempre preferidos, decorrendo o repasto num ambiente de manifesta cordealidade entre os convivas. A' sobremesa, Ferreira de Almeida, levantando-se, fez-nos a surpresa de lêr aquilo a que chamou um

Bilhete postal

concebido nos seguintes termos:

Ex.mo Snr. Director do jornal
O Democrata

Acha-se de visita nesta linda cidade de Aveiro, a que tão justamente cognominam de Veneza de Portugal, um punhado de Açoreanos e Madeirenses que vieram a Fátima, santuário da Fé dos Portugueses, orar junto da Vírgem pela salvação do nosso querido Portugal e assistir a êsse espectáculo inenarrável, único, sem frases que o possa descrever com a grandeza que êle encerra—o da procissão das velas e o adeus à Vírgem.

Eu gostaria, sr. Arnaldo Ribeiro, de possuír o brilho literário dos cronistas para poder descrever a cores fortes e precisas tôda a emoção que sentimos ante o acenar dessas centenas de milhares de lenços, quais pombas brancas batendo as asas num frémito de alegria, numa aleluia de almas, ao passar da venerada imagem de Nossa Senhora de Fátima. Mas não posso. E' inteiramente impossível.

Êsse punhado de insulares encontra-se, desde ontem, aqui, neste admirável rincão, de inegualáveis atractivos, que eu muito gostosamente incluí no número daquelas cidades que deviam ser visitadas pela Excursão Açoreana, porque entendi que tal visita era imprescindível, tratando-se de terra de tão brilhantes tradições, de tão poéticos canais, terra única no seu aspecto típico, terra-berço dessa figura tão grande de português e de aveirense que foi José Estêvão Coelho de Magalhãis, o amigo e colega de trabalho, nas lides da imprensa do distinto micaelense, que se chamou Manuel António de Vasconcelos e que foi o fundador do decano da Imprensa portuguesa, *O Açoreano Oriental*, hoje sob a minha modesta guarda e confiado à minha direcção.

Vir ao continente e não visitar Aveiro, é não vir a Portugal, tanto mais que Aveiro tem finalmente um hotel que a honra sobremaneira, pela beleza privilegiada da sua situação e pelo confôrto que todos nós encontramos no seu ambiente e na afabilidade do seu ilustre proprietário, que eu sei foi um distinto oficial do nosso Exército e um combatente da Grande Guerra. E como êste *Bilhete Postal* já vai longo, permita-me, sr. director do *Democrata*, que nele agradeça à distinta firma Sociedade dos Vinhos *Scalábis* a sua grande gentileza para com os excursionistas e a V. Ex.ª peço o favor de, nas colunas do seu brilhante jornal, dizer aos aveirenses quão gratos partimos de cá, por tôdas as gentilezas que nos dispensaram.

E' que, sr. director, quando o povo é bom e o cenário da terra nos convida, até sômos poetas, pelo que termino, cantando:

Aveiro, terra tão linda,
de canais sem fantasia,
Ao deixar-te, o coração
Fica prêso à tua ria.

Aveiro, 13 de Maio de 1938.

Ferreira de Almeida

Os circunstantes, incluindo as senhoras, aplaudiram, batendo palmas, pelo que tivemos de agradecer a cativante deferência havida para comnôsco, dizendo aos açoreanos o que no momento nos sugeriu e era imprescindível, dada a forma como o nosso colega do mais antigo jornal português se referiu a Aveiro. Agradecemos, pois, aos presentes o terem-nos honrado com a sua visita, e a Ferreira de Almeida, que é de uma actividade invulgar, como tivemos ensejo de conhecer, pedimos-lhe que não se esquecesse de nós, isto é, da cidade onde se encontrava, incluindo-a sempre no programa dos seus projectados passeios.

Eram aproximadamente 17 horas quando teve logar a despedida, seguindo a caravana para o norte a continuar a viagem e em procura de novas sensações.

Estudantes do Pôrto

=o=

Estiveram na terça-feira cá os alunos do 3.º ano da Faculdade de Medicina do Porto, que passearam na ria e percorreram a cidade acompanhados de alguns professores. Um dêstes, enviou ao gerente do *Arcada Hotel*, onde estiveram hospedados, o seguinte cartão:

José de Oliveira Lima, da Universidade do Porto, que aí acompanhou os alunos do 3.º ano da Faculdade de Medicina, renova os agradecimentos que lhe fêz pela maneira solícita e atenciosa com que a todos serviu e formula votos por que o seu empreendimento tenha o mais próspero êxito, como o merece quem faz alguma coisa de bom em favor não só duma cidade tão linda como essa, mas em benefício do país.

Congratulamo-nos com esta apreciação da obra do sr. Aristides Ferreira.

A visita do Orfeon Académico

Cultura e arte

Em virtude da morte recente do reitor do nosso Liceu, ao Orfeon Académico de Coimbra, que veio realisar um sarau a esta cidade no preterito sábado, não foi feita recepção por a Academia Aveirense, resentindo-se também, um pouco, o espectáculo pela mesma circunstância.

Em todo o caso a sala estava composta, e ao subir o pano o nosso conterrâneo, dr. Luis Regala, à luz da ribalta, fez a apresentação do artístico conjunto nos seguintes termos:

Ex.^mas Senhoras:
Meus Senhores:

Os estudantes de Coimbra, por intermédio do seu delegado nesta cidade, deram-me a honra de me escolher para fazer, ao público aveirense, a apresentação do seu *Orfeon*.

Reconhecendo em mim a infeliz ausência daquelas qualidades que considero imprescindiveis para poderem rivalizar com a distinção que me atribuíram, para poderem rivalizar com a honra desta visita e o merecimento do *Orfeon Académico*, não me recusei, todavia; não apresentei evasivas fingidas, argumentos razoáveis, mas ardilosos, ou qualquer momentânea habilidade que a simpatia da sugestão, falsamente arquitectada, poderia invocar.

Aceitei. E aceitei por se tratar de estudantes. Aceitei porque dentro de mim grita ainda, bem alto, a saüdade do tempo despreocupado e boémio em que confiava à minha capa negra os devaneios e as aventuras do meu coração. Aceitei porque, a-pesar-do tempo decorrido, quando me falam em estudantes... sinto-me estudante também.

Recebei, pois, rapazes, as saüdações sinceras da gente da minha terra. Recebei também as minhas saüdações, os meus cumprimentos, o meu abraço fraternal e amigo e, sôbretudo, os meus agradecimentos por fazerdes reviver nêste momento a mocidade descuidada e gritante dos meus vinte anos, como se, sob o abrigo simpático desta capa, de novo pulsasse aquela esplendorosa juventude que nós desperdiçamos ás mãos-cheias como quem espalha ao acaso pétalas de cravos vermelhos pelos caminhos hesitantes e indefinidos da existência.

A juventude é assim mesmo: sob o impulso vibrante dum ardor sem limites, aos repelões duma inspiração admirável que traduz sempre em poesia e beleza a própria amargura das coisas, na voragem estonteante de pretender viver num segundo a própria Eternidade, ela aí está, bela e sàdia, bôa e nobre, heróica e forte, a irradiar simpatia e formosura da mensagem espiritual e amorosa que grava indelevelmente no pórtico magestoso e sagrado de cada geração que passa. A juventude, na sua doida carreira pela vida fóra, é como a água virgem dos regatos que vai correndo através dos montes, beijando as flôres e as plantas nêsse noivado branco de ternuras e de carícias que faz misturar, no mesmo anseio, os perfumes e os murmúrios, até se lançar e confundir no abismo esverdeado e infinito das ondas do mar bravo. Corre, salta e vive sem contar o tempo; canta sem que humedeça o seu olhar, sequer uma lágrima de dôr, e sonha sem saber distinguir o Sonho e a Realidade.

Minhas Senhoras e
Meus Senhores:

O Orfeon Académico de Coimbra, dessa deliciosa cidadezita de casario branco que lembra, na sua arquitectura de anfiteatro, uma colinazinha sagrada de presépio cristão, veio trazer-nos nesta hora a gentileza da sua visita amável, traduzida em cantos que embrevecem a alma e a envolvem numa fantasia de sonho, numa penumbra cariciosa de encantamento e beleza.

O sarau de arte a que ides assistir, vai transmitir-vos a fala portuguêsa e musical da mais musical e portuguesa mocidade. Escutar o Orfeon Académico de Coimbra é como que sentir a vibração apaixonada e amorosa da alma gentil da sua paisagem feminina, o murmúrio doentio dos choupos solitários e esguios erguidos para o céu, quais mãos em ogiva, rezando orações num misticismo profundo de Emoção e de Poesia; é sentir o silêncio infinito, recolhido, do coração dos montes; o nervosismo do Mondêgo tortuoso; a gracilidade espiritual das suas românticas tricanas.

A natureza também fala; e o coração das coisas, na sua simpatia comunicativa, tem, como os seres vivos, confissões de amor, aquelas dôces confissões que os namorados, confundidas as almas num beijo longo, costumam trocar silenciosamente na hora fatal e perturbadora dos primeiros arroubos da paixão, no primeiro contacto sentimental das almas a noivar.

Que dôce e que enternecedor é o passear a lembrança pelas estrofes de oiro dêsse Poema de Arte que é Coimbra ao entardecer!

A *Quinta das Lágrimas*, evocação histórica do mais lindo Canto de Amor que corações portugueses, no delírio do arrebatamento, meigamente souberam ciciar; o Penedo da Meditação, na sua mudez contemplativa, a dôr angustiosa, cruciante e agónica dêsse torturado do Ideal que foi Antero; o Choupal, no sussurro da sua folhagem verde, evoca Bernardim Ribeiro, o rouxinol secular do lirismo português:

Coimbra, menina e môça,
Rouxinol de Bernardim...;

a *Tôrre de Anto* a escorrer da humidade das suas paredes escuras os versos mais sangrentos da tísica aristocrática de António Nobre; a Tôrre da Universidade, com sua *cabra* de bronze a badalar, chamando para as aulas e a pôr pesadelos e cólicas na alma dos cábulas e dos caloiros; a Porta-Férrea, na sua magestade aterradora e medieval, assistindo ao bàtismo dos estudantes novos nesse bailado de fitas que são as pastas dos quintanistas; o *Penedo da Saüdade*, cuja emoção alguém cantou desta maneira:

Sonho de Altura! a tua ânsia sobe
Para alcançar um *mais-além* .. e grita
Na transfiguração viva, infinita
Do silêncio sem fim que te comove!

Pedra por pedra, a tua Dôr medita...
Pranto não há que, em ti, não se renove...
E, enquanto a voz da tua ânsia sobe,
Teu coração faz versos... e recita.

No declive das tuas penedias,
Penedo da Saüdade! que agonias
Percorrem de emoção teus nervos doentes?

Encosta, assim, a tua fronte à minha...
Deixa que a minha capa tão vèlhinha
Cubra de luto a mágoa que tu sentes!

Nunca vi terra, como Coimbra, que mais e melhor soubesse falar à saüdade de quem a amou e de quem por lá perdeu os momentos mais belos da sua mocidade!

Quando deixei Coimbra trouxe-a comigo no coração; por isso vos trouxe também a vós, estudantes. Eis porque aqui estou, confundido na escuridão das vossas capas, tentando afinar o ritmo do meu peito pelo pulsar ardente do vosso peito, na mesma comunhão de entusiasmo, na mesma comunhão de sentimentos môços, como que pretendendo transformar miraculosamente a amargura da saüdade na alegria explendorosa da vossa inexgotável juventude.

Rapazes: agradeço-vos, em nome da gente da minha terra, os momentos de beleza e de arte que ides proporcionar-nos. Em compensação, recebei todos vós o abraço mais sincero, mais amigo e mais íntimo que a minha alegria de hoje, renovada pela convivência da revoada das vossas capas, vos sabe dar. Levai convôsco êsse abraço e quando chegardes a Coimbra abraçai com êle o coração da sua mais linda tricaninha, símbolo da beleza espiritual da sua paisagem.

Pela Academia aveirense falou o seu presidente, que saudou o Orfeon e justificou todas as faltas havidas para com êle, agradecendo, num elegante improviso, as palavras encomiasticas dos oradores antecedentes, o presidente do Orfeon, sr. Manuel Deniz Jacinto.

A madrinha sr.ª D. Maria do Carmo Azeredo, que, com mais três senhoras, se encontrava à frente dos rapazes, no palco, colocou na bandeira dos orfeonistas uma larga fita de seda branca, seguindo-se a oferta doutra, verde, por uma aluna do Liceu, o que tudo foi sublinhado com vibrantes salvas de palmas. Depois o sarau.

Por ordem do programa, destacaremos a *Rapsódia Portuguesa*, interpretada com um mimo sensibilizador; do *Côro dos Soldados*, talvez dos números mais felizes da noite pelo vigor da interpretação, que dava a ideia dos soldados irem passar à frente do dr. Raposo Marques...

In Paraceve, número orfeónico de classe, foi iniciado muito bem, perfeito, mas caíu levemente pela execução adeante. Não queremos dizer com isto que saísse mal; mas já teve noites mais felizes.

Na segunda parte tudo nos agradou. *L' Euclume* e *Serenata Açoreana*, porém, são números que passam além dos ouvidos e se sentem de forma bem diferente. E *Aleluia*? E' do melhor que conhecemos e um admirável fecho do programa. Ao ouvir *Aleluia* até se sentem calafrios que dizem—isto é muito bom! Só é pena que êstes números não sejam cantados, pelo menos, por 150 vozes para deles se tirar o verdadeiro efeito, aquele efeito que empolga e arrebata. Todavia, que prazer sentiríamos se pudéssemos hoje ouvir outra vez *Aleluia!* Mas, se calhar, só daqui a outros seis anos...

Parabéns ao dr. Raposo Marques. Os rapazes estão bem seguros de si, embora à primeira vista não o pareça, pela movimentada regência. E' que a fuga do *Amen* demonstra cabalmente essa segurança.

O Orfeon deve voltar com mais curtos intervalos porque com isso muito concorrerá para a educação artística da nossa gente e as lições, se não forem seguidas, esquecem...

Quanto ao resto, o acto das variedades também agradou, não obstante o canastrão, que é o piano do teatro, não estar à altura do sr. dr. Armando Reais Pinto.

O nosso conterrâneo Francisco Couceiro, no violino, muito bem. Como impagável se nos mostrou com as suas facécias e ditos espirituosos o académico Manuel Deniz.

Depois do espectáculo, os rapazes foram para o baile que lhes dedicou a direcção do *Club Mário Duarte*, seguindo só de madrugada para Coimbra.

2.000$00

Dão-se à pessoa que saiba o nome de quem escreveu, em Abril de 1935, um postal anónimo ao Ex.^mo Sr. Ribeiro de Lima, engenheiro da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro.

O postal encontra-se em poder de João André da Paula Dias, a quem o interessado se deverá dirigir.

O TEMPO

Previsões de 22 a 28 de Maio

Meteorologia

Oscilação barométrica geral—Depois duma subida, fortemente acentuada em 23, começa a descer de 26 para 27.

Datas de novos ciclones—Em 23 e de 26 para 27.

Movimentos mais sensíveis no campo de pressão—Em 23 e de 26 para 27.

Tempo em Portugal—É provável que o tempo se apresente de trovoadas e ventoso, principalmente nos dias 22, 25 e 27.

Tempo no estrangeiro—Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: em Espanha, França e Itália.

Oscilação provável de temperatura na península—Pequena oscilação.

Sismologia

Datas de maior actividade: em 22 e em 26.

Setúbal, 18 de Maio de 1938.

A. CARVALHO SERRA

Juramento de Bandeiras

No Estádio Municipal realiza-se àmanhã a cerimónia do juramento de bandeira dos recrutas do Regimento de Infantaria 19, devendo proferir a alocução alusiva ao acto o sr. tenente Alberto Mendonça.

Principiará às 14 horas, devendo assistir a respectiva banda de música.

* * *

Na parada do Quartel de Cavalaria 8, também deve ter lugar, de manhã, idêntica cerimónia, falando aos soldados o sr. alferes Tadeu Ferreira.

Secção desportiva

Basket-Ball

Os Galitos venceram, novamente, o Liceu, num jôgo emocionante, isolando-se à frente do campeonato

Numerosa assistência presenciou, no último domingo, no campo do Parque, o segundo desafio de campeonato entre *Galitos* e *Liceu*, que marchavam à cabeça do torneio, em igualdade de pontuação.

Como todos devem lembrar-se, o primeiro encontro terminou com a vitória dos *Galitos*—e fêz correr muita tinta...

Nunca se viu, em Aveiro, tamanho entusiasmo por um desafio de *basket*.

Houve cênas de tresloucada alegria, de patética desesperança, de indiscritível paixão clubista...

Moços e velhos simpatisantes e associados do *Club dos Galitos* saüdaram o impressionante *forcing* dos *seus* rapazes, no segundo tempo, com tanta emoção e sinceridade, que vários visitantes não esconderam a sua surprêsa e nervosismo, contagiados ao máximo por essa atmosfera de simpático e fervoroso amor pela colectividade.

* * *

As équipes entraram em campo, vibrantemente aplaudidas pelos seus adeptos.

Depois de se ter procedido à escolha do campo, o árbitro, sr. Alberto Guimarãis, do Porto, faz soar o apito, para marcar um minuto de silêncio pela morte do sr. dr. João Pires, reitor do Liceu de José Estêvão. Os jogadores imobilisam-se, a assistência levanta-se e descobre-se, respeitosamente.

* * *

Com grande rapidez, os académicos infiltram-se no campo adversário, apoiados pela sua *claque*. Dominam e sugeitam os *inimigos* a uma pressão técnica e territorial convicente. Desmarcações fulgurantes, lançamentos vistosos, ligeirêza de execução—tudo os estudantes exibem, com indómita vontade de vencer e convencer.

Estrugem prolongadas ovações quando os liceais traduzem essa superioridade, com algumas *cestadas* de bôa marca.

Os Galitos parecem desorientados, esboçam contra-ataques tímidos, dobram passes entre si, não conseguem galgar a defêsa adversaria. E mais desorientados ficam com algumas rigorosas decisões de arbitrágem, a que não estão acostumados, mesmo quando actuam sob as ordens de outros competentes árbitros portuenses.

A *claque dos encarnados* protesta... e o *Liceu* marca pontos, a despeito da desesperada defensiva dos rivais.

No entanto, algumas fugas dos *Galitos* surtem efeito. E o intervalo chega com o *score* em 13-7, merecidamente favorável aos estudantes.

No segundo tempo virou-se o feitiço...

E daí os académicos foram perdendo terreno ao passo que os *Galitos* foram aumentando o marcador, chegando muito depressa a um empate—13-13!

Os estudantes não atinam, agora, com o cêsto. Estão desorientados.

Aos 12 minutos o defesa direito dos *Galitos*, com 3 faltas pessoais, sai do terreno para dar lugar a um reserva.

Os jogadores e incitadores *galináceos* animam-se extraordinariamente e a *claque* do liceu emudece...

O *Liceu*, na segunda parte, apenas conseguiu 2 pontos, resultantes de lançamentos livres.

Favorável aos *Galitos* o *score* teve, até final, as seguintes alterações: 15 13, 17-13, 17-15, 19-15 e 21-15.

Quando se ouviu o silvo derradeiro do árbitro, os vencedores dispunham fàcilmente dos académicos.

Os jogadores dos *Galitos* são aclamados com frenesi e transportados nos braços dos seus admiradores.

E assim terminou o segundo prélio entre os dois mais fortes agrupamentos do distrito, cheio de beleza e também de dramatismo...

* * *

Os *Galitos* apresentaram:

Vasco (a 8 minutos do fim, Baldomero) e Encarnação (4); Sousa (6), Fino (5) e Aurélio (6).

Na segunda parte, Fino, Encarnação (principalmente êste) e Aurélio, sobressairam, por vezes, a grande altura.

O *Liceu* formou:

R. Campos e Teles; Norton (3), Laranjeira (8) e Tony (4).

Laranjeira e Tony foram as grandes figuras dos académicos.

Na defesa, Campos superiorizou-se muito a Teles.

O árbitro, embora exagerasse na repressão dalgumas faltas técnicas de somenos, que só beneficiavam o infractor, não manteve a mesma uniformidade de critério nas suas decisões. Contudo, o seu trabalho foi indiscutivelmente honesto e comprovativo de largos conhecimentos da modalidade.

Foot-Ball

O Beira-Mar venceu o Recreio de Águeda, por 1-0

Pelos visitantes, alinhou o antigo internacional-olímpico Raúl de Figueiredo (Tamanqueiro).

Os beiramarenses, que se ressentiram do seu longo interregno, dominaram o bastante para triunfar por um mais expressivo resultado.

Foi, no entanto, devido a uma grande penalidade, transformada por Décio, que conseguiram libertar-se do adversário.

O *Beira-Mar* alinhou:

Dionísio; Vendaval e Amadeu; Justiça, Eduardo e J. Ruela; Estima, Marques, Décio, Maximiano e J. Pinho.

Y.

Na Gafanha

Realisou-se, domingo de tarde, perante numerosa assistência, a cerimónia do lançamento à água de dois novos lugres—*Olveirense* e *Delães*—saídos dos estaleiros do hábil constructor naval António Mónica e pertencentes à *Empreza de Pesca de Bacalhau do Porto, L.^a*, da capital do norte.

A êste espectáculo assistiram bastantes convidados, aos quais foi, em seguida, oferecido um abundante *côpo de água*, durante o qual falaram, entre outros, os srs. dr. Vaz Craveiro, Deniz Gomes, Higino de Queiroz, abade de Delães, dr. Alberto Ruela, dr. Arménio Martins, Alfredo Correia da Silva e João Testa, que se referiram à importante indústria do bacalhau, tendo alguns dos oradores aproveitado o ensejo para se referirem à obra do Estado Novo e à protecção que Salazar vem dispensando aos pescadores.

Oxalá, as duas unidades tragam sempre, ao regressarem da Terra Nava e Groelandia, completo carregamento do *fiel amigo*. E à Emprêsa, deveras reconhecidos pelas gentilesas dispensadas durante a sua festa.

Necrologia

Ceifado pela tuberculose, desapareceu da cêna da vida, em plena mocidade, o empregado comercial Afonso da Conceição Torres, filho do industrial sr. Albano da Conceição.

Tinha apenas 19 anos, pelo que a morte mais se fez sentir entre aquêles que com êle conviviam e apreciavam as suas qualidades.

O funeral do desditoso Afonso efectuou-se na sexta-feira passada, organisando-se durante o trajecto, desde a sua residência, Rua Almirante Reis, até o cemitério novo, diversos turnos, que a falta de espaço nos inibe de inserir.

Da chave da urna foi portador o sr. Aníbal Ramos, proprietário do estabelecimento da Avenida Dr. Lourenço Peixinho onde o extinto se achava empregado.

A' família enlutada, as nossas condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Albino de Azevedo, de 18 anos, natural de Ílhavo e filho do sr. Albino Nunes de Azevedo, e em *Esgueira*, Maria de Jesus, de 56 anos, casada com Manuel Rodrigues Branco.

ATENÇÃO PARA A 4.ª PAGINA

Comarca de Aveiro

Arrematação

2.ª publicação

Por êste Juizo, cartório da segunda Secção da primeira Vara e nos autos de execução por custas e selos que o Magistrado do Ministério Público desta comarca move contra António Marques da Cunha, padeiro, morador na rua da República n.º 178, da cidade e comarca da Figueira da Foz, e corre por apenso à acção de divórcio que lhe propôs sua mulher Maria de Jesus Deniz, doméstica, de Esgueira, vai à praça para ser arrematado por quem maior lanço oferecer acima da sua respectiva avaliação, no dia 22 de Maio próximo, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito à Praça da República em Aveiro, o seguinte prédio pertencente e penhorado ao executado:

Uma terra lavradia, sita nos Arneiros, limite e freguesia de Esgueira, avaliada em 4.000$00.

Pelo presente são citados os credores incertos.

Aveiro, 23 de Abril de 1938.

O escrivão da 2.ª Secção da 1.ª Vara

Carlos Hermenegildo de Sousa

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara,

António Baltazar

Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

Por sentença de 24 de Julho de 1937 foi decretado o divórcio definitivo dos conjuges João Augusto Costa, da Gafanha da Boa Vista, mas actualmente nos Estados Unidos do Brasil, e Maria dos Anjos da Conceição, doméstica, da Gafanha da Boa Hora, freguesia de Vagos, mas ausente em Lisboa, o que se anuncia para os devidos efeitos.

Aveiro, 11 de Maio de 1938.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

Melo Freitas

O Chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara,

João António de Morais Sarmento

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Horario dos comboios

Da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro

Partidas para o norte		Partidas para o sul	
5,41	tram.	7,56	tram. *Fig.*
5,27	correio	9,40	rápido
7,15	tram.	10,59	correio
10,22	»	13,23	tram. *Fig.*
12,56	rápido	16,19	tram.
13,43	tram.	19,29	rápido
16,58	»	21,51	tram.
18,30	correio	0,31	correio
21,09	tram.		
22,27	rápido		

Do Porto chegam tram. às 19,05 e às 20,39, que não seguem.

Linha do Vale do Vouga

Partidas	Chegadas
7,57	8,38
13,45	10,15
18,38	18,21
20,50	22,54

A FECHAR

—O amigo tinha-me dito que a sua casa do campo ficava a um tiro de espingarda do caminho de ferro...

—E fica. E' que as espingardas modernas alcançam a três quilómetros..

EDITAL

Fernando Chaves d'Oliveira Sarmento, Engenheiro-Chefe da 2.ª Circunscrição Industrial.

Faz saber que: Francisco Ferreira Regalado, pretende licença para instalar um forno de cozer louça de barro ordinário, incluida na 2.ª classe, com os inconvenientes de fumos, sita na Rua da Boa Vista, freguesia e concelho de Vagos, distrito de Aveiro.

Nos termos do regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de trinta dias a contar da data da publicação e afixação dêste edital, pódem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 6454, nesta Circunscrição, com séde em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira, n.º 111.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição Industrial, em 10 de Maio de 1938.

O Engenheiro-Chefe,

Fernando Chaves d'Oliveira Sarmento

Comarca de Aveiro

—o—

ANÚNCIO

1.ª publicação

Por êste se anuncia que no dia 29 do mês de Maio corrente por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, se há-de proceder à arrematação em hasta pública do prédio a seguir designado e pelo maior preço que fôr oferecido acima do indicado.

Prédio—O direito e acção que que os executados teem a uma sexta parte de uma terra lavradia, sita nos Moinhos de Ilhavo, avaliada em 75$00 e vai à praça dor 37$50.

Penhorado na execução por custas e selos que o Ministério Público move contra Jose dos Santos Ferreira Novo e mulher Maria Ferreira dos Santos, da Légua.

São por êste citados quaisquer credores incertos para assistirem à arrematação nêste anunciada.

Aveiro, 11 de Maio de 1938.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

António Baltazar

O Chefe da 1.ª Secção,

Júlio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

=o=

Arrematação

1.ª publicação

No dia 29 de Maio corrente, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial, se há-de arrematar e entregar a quem maior lanço oferecer sôbre metade da sua avaliação, o prédio abaixo indicado, penhorado na execução por custas e selos que o Ministério Público move contra José Gato, viuvo, morador em Setúbal, a saber:

Cinco treze ávos duma leira de junco, sita no Perraxil, d'Aveiro, avaliada na quantia de quatrocentos escudos. Para a praça são citados quaisquer crédores incertos, afim de usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 17 de Maio de 1938.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Melo Freitas

O Escrivão,

João António de Morais Sarmento